



Antonio de Llerpa

ANTONIO DE SERPA

Houve tempo em que nenhum homem, fosse qual fosse o seu talento, aptidão, ou superioridade, podia sequer pensar em commetter a ousadia de chegar aos primeiros logares da republica.

Nas épocas anteriores ao regimen constitucional eram estes logares exclusivo apanagio e privilegio de certas classes. Nos primeiros tempos do procelloso e incerto tirocinio constitucional a gerencia dos negocios enfeudou-se a umas dynastias d'estadista que se revesavam e alternavam com a regularidade de uma guarda que se rende. Era ainda o privilegio sob outra fórma. Era o legado d'elle que tinha ficado nos costumes. Fóra do circulo dos iniciados não tinha a patria salvação.

Todavia o absurdo era manifesto. Os annos caminham, as circumstancias variam, as forças gastam-se, as necessidades apertam e os homens envelhecem. Se tudo no mundo se renova, os estadistas hão de necessariamente renovar-se, e as fileiras rareadas dos que se impossibilitam ou succumbem, devem preencher-se com provadas e robustas capacidades.

Cada era politica tem os seus representantes e os seus agentes, o seu pensamento e os seus obreiros. Esta idéa tão simples como natural, custou muito, custou immenso a passar da theoria á practica. Ninguem a contestava, mas ninguem queria applical-a. Era como um usufructo de que uma abusão de propriedade não con-

sentia desapossar-se. Hoje fez-se insensivelmente uma grande revolução, uma das maiores que se tem realisado n'esta terra preguiçosa e ronceira. Um dia pela força inevitavel dos acontecimentos, pelo excesso de caducidade dos estadistas macrobios, o elemento juvenil appareceu á frente dos negocios, e a nova geração até aqui desherdada recebeu fóros de cidade nas altas regiões da governação.

Antonio de Serpa subio com a onda e foi elevado por ella, á alta fortuna politica em que ora o vemos. É d'este talento distincto da geração nova que vamos tentar a apreciação.

Antonio de Serpa, depois de haver terminado o seu curso de mathematica na universidade de Coimbra, veio a Lisboa frequentar a escóla do exercito e preparar-se para seguir a carreira militar, que encetára aos dezeseite annos, assentando praça. Foi por este tempo que appareceu o jornal o *Pharol*, e com elle a revelação de duas esperançosas vocações que são hoje dois provados talentos. Antonio de Serpa e Latino Coelho eram os seus redactores. Nenhuma publicação feita n'aquella época escapou á véa sarcastica do primeiro, nem á ironia brilhante do segundo. Sentiam tão vigorosas as suas aspirações litterarias que provocavam a lucta, para conquistar legitimamente a sua elevação. Queriam ganhar os pontos no campo de batalha. E foi-lhes satisfeita a ambição, porque era baseada na justiça. Entraram soldados rastos para as columnas do *Pharol*, e saíram d'ali com as dragonas de officiaes. Ainda mais, o jornal que tão acerbo fôra quasi sempre na critica, acabou, deixando saudades, e a maioria dos criticados, seja dito em seu elogio, são actualmente os melhores amigos dos redactores.

Antonio de Serpa em 1848, entrou na cadeira de mathematica na escóla polytechnica, obtendo a preferencia n'um concurso brilhante. O homem de letras registou assim o seu diploma de homem de sciencia.

Pouco tardou a sua estréa como publicista, que teve logar com a fundação do jornal o *Paiz*. Logo nos primeiros artigos revelou Antonio de Serpa, que era aquella a mais esplendida feição do seu talento. Principiava como muitos desejariam acabar.

N'aquelles ensaios, o futuro escriptor do *Portuguez* e da *Opinião* já ostentava as brilhantes qualidades que mais tarde haviam de completar a sua reputação de jornalista. A sua penna distingue-se pela lucidez com que tracta as questões, e pelo vigor com que maneja a polemica. Affeiçãoado ao estudo penetra-se dos assumptos, antes de os discutir; e raros o igualam no sarcasmo quando o adversario o obriga a descer a esse campo.

A poesia tambem inspirou um livro a Antonio de Serpa. N'esse livro ha mais sentimento do que imaginação. Lê-se com prazer, mas poucos trechos excitam enthusiasmo. O coração dicta-lhe a imagem; mas a phantasia não lh'a atéa. A alma do poeta apparece; mas não brilha a chamma que lh'a deve illuminar.

Registemos portanto aquellas paginas como primeiro desafogo de um talento que se sentia cheio de aspirações, ignorando ainda o verdadeiro trilho a seguir para o seu engrandecimento. Cumpria ao tempo dizer-lh'o, e disse-lh'o. Tentando a satyra, primou n'ella; e o logar que não pudéra grangear entre os nossos melhores poetas lyricos, soube conquistal-o como poeta satyro. E n'este genero, sem lisonja, ainda ninguem o igualou.

No theatro, as primeiras tentativas de Antonio de Serpa, subiram á scena guardando o auctor o incognito. Era a sua natural modestia que o levava a isso. Foi com a imitação da *Dalila*, de Octave Feuillet, que appareceu pela primeira vez o seu nome no cartaz. O drama teve um acolhimento dos mais lisongeiros que tem presenciado a scena nacional. Era um trabalho excellente e digno dos maiores elogios. Os esplendores de estylo que todos reconhecem em Octave Feuillet, encontraram no imitador um bello interprete.

Aquelle triumpho animou-o a maior commettimento, escrevendo uma comedia original em tres actos *Casamento e Despacho*, que tambem foi á scena no theatro normal.

Sempre foi opinião nossa, arreigada e intima, que o theatro, deve ser a reproduccão verdadeira dos costumes contemporaneos, da vida do nosso tempo, da sociedade actual, pintando assim uma época, que póde mais tarde servir á chronica, fazer-se por elle uma idéa completa, ou pelo menos approximativa, dos habitos e das tendencias do seculo, seguindo de perto os vestigios da historia social ou familiar, e reconstruindo-se pelo pensamento uma civilisação eclypsada. É este hoje o titulo de maior valia de Aristophanes e do theatro grego.

Molière retratou uma época inteira, deixando á França nas suas comedias, uma copia fiel dos marquezes, das preciosas ridiculas, dos medicos e dos tartufos do seculo de Luiz XVI.

Mais tarde, com um aspecto menos profundo e com um alcance mais restricto, tiveram os personagens de Lesage, de Regnard e Dancourt, rematando em Beaumarchais. E hoje em França, os ultimos successos alcançados por Angier, Dumas filho, Octave Feuillet e Ponsard firmam-nos na opinião que é esta a verdadeira escóla a seguir.

Antonio de Serpa, escrevendo o *Casamento e Despacho* obedeceu

á mesma idéa. A representação d'esta comédia foi esperada com impaciencia. Differentes opiniões circulavam a seu respeito, despertando d'este modo a curiosidade geral. Poucas producções tem sido precedidas de igual prevenção, contra e a favor. Tanto o nome do auctor, como a idéa que diziam predominar na obra, motivaram o interesse de um designado circulo.

Correu que o intento do auctor era retratar a sociedade em que vivemos, sem lhe favorecer as côres. Traçar o quadro copiando do vivo e apresentando-o verdadeiro e despido de falsas galas. Todos se preocupavam com os retratos e desejavam consultar a exactidão. A veia sarcastica e satyrica do auctor assustava os mais resolutos.

E afinal a comédia correspondeu á expectativa; os retratos ficaram excessivamente verdadeiros edesagradaaram á maioria dos retratados que não eram bonitos. O auctor do *Casamento e Despacho* tinha estudado a sociedade, mas em vez de copial-a favorecendo-lhe as feições, como é geral fazer-se, daguerreotypou-a. A extrema similhaça nem sempre agrada, e os daguerreotypos tem este contra.

No *Casamento e Despacho*, ha defeitos; mas estão esplendidamente compensados pelas bellas que encerra. A elegancia e verdade do dialogo, a puresa do estylo e o desenho de certas figuras, baslam para provar o alto merito do auctor. Antonio de Serpa sabe fulminar pela satyra e castigar pelo ridiculo; usou portanto d'estas duas armas com frequencia e quasi sempre com felicidade.

Em 1856, Antonio de Serpa, viu abrirem-se-lhe as portas do parlamento. É ahí na tribuna que vamos esboçar-lhe o perfil.

A sua presença é modesta e grave, não da gravidade posliça que muitos adoptam, mas d'aquella que nasce com o homem e que naturalmente se insinúa nos habitos e ademanes. Não é um rotulo falso; é um feitió individual. Vel-o na intimidade, é vel-o no mundo. Nos folguedos e prazeres da juventude não dissimula a idade. É rapaz como os mais.

O seu rosto é varonil; mas levemente anuveado de uma sombra de melancolia que lhe adoça a expressão. A fronte é bella e suave o olhar.

Quando a sua voz se levanta na tribuna, o auditorio cerca-o e escuta-o attento. Será porque Antonio de Serpa reuna os dotes e condições necessarios ao orador? Será porque os seus discursos ostentem os esplendores de phrase, que recommendam os improvisos de José Estevão e Rebello da Silva? De certo, que não. Antonio de Serpa tem a cultura e o estudo, mas faltam-lhe as galas e louçanias do tribuno. A sua voz é fraca, o seu gesto acanhado,

e só pelo vigor da argumentação, pela solidez das doutrinas, pelo prestigio de um nome respeitado e estimado, provoca a curiosidade e captiva a attenção da camara. O ardor da convicção é que lhe anima a palavra, e o interesse que inspira nasce do apreço em que é tido o seu caracter.

Antonio de Serpa tem uma qualidade apreciavel e necessaria ao orador: a impassibilidade. Custa a crer, nos seus annos e com tão pequeno tirocinio parlamentar, como conserva a tranquillidade e presença d'espírito diante das mais violentas discussões, preparando logo a replica em que sabe ser energico, entrelaçando a ironia com a vehemencia.

O elevado conceito que a sua illustração e intelligencia mereceu logo que debutou na scena politica, é que o fez apontar á opinião publica para exercer o cargo eminente a que subiu em tão curta idade, e d'onde descobre o mais brilhante horisonte.

Bem se diz que os talentos adivinham, e para o provar, registaremos aqui umas linhas, escriptas por uma das primeiras reputações litterarias do nosso paiz, apreciando o debute parlamentar de Antonio de Serpa.

«A desaffectedada eloquencia do orador em estreia, inspirada pela consciencia e pelo estudo, ganhou fóros de cidade, e o seu voto ficou immediatamente pesando nos concilios do povo, não só como o de um esperançoso mancebo, senão ainda como o de um homem que Deus talhou para estadista.»

A prophecia de Mendes Leal, que foi quem escreveu este trecho, realisou-se. Antonio de Serpa é hoje ministro das obras publicas. Tem aos hombros um difficil mas honroso encargo: justificar a nova geração.

Justificará.

O actos do ministro é que hão de responder.

ERNESTO BIESTER,

OS PHILOSOPHOS DA ÉPOCA E A POESIA DO CHRISTIANISMO.

Nos tempos de Voltaire o ser philosopho entrou em moda. Era o que nós diríamos hoje *ser elegante*. Dois ou tres tiros epigrammaticos disparados contra a religião, e algumas satyras feitas ás coisas mais sérias da vida, constituíam e annunciavam o philosopho voltaireano. A incredulidade d'aquella época, diz Lamartine, nascia da devassidão, em vez de resultar do exame. A independencia do pensamento era antes uma libertinagem de costumes, que uma conclusão do espirito. Na irreligião havia o vicio. É por isto que d'estes principios derivava, sem esforço, a ligeireza, a ironia, o sarcasmo, o desdem e muitas vezes o cynismo que sentiam no coração e nos labios estes apellidos apostolos da rasão. A sua tarefa tornou-se facil: começou pela zombaria das coisas santas, que só devem ser tocadas com respeito, e mesmo quando se attente contra ellas, e terminou por atacar os laços mais puros da familia e da sociedade.

No entanto, estes espiritos inquietos, incredulos por que eram ignorantes, e que achavam mais commodo mostrarem-se scepticos do que estudar a rasão das coisas, no que não faziam senão obedecer ás paixões de momento, ao desejo de destruir e á necessidade de innovar, ao odio, aos preconceitos e ao amor ás nove luzes, estes espiritos, repetimos, ainda comtudo se re-

commendavam pelo atrevimento das invectivas que desabafavam em infinitas manifestações, a que o talento da satyra e o ar-rojo das doutrinas innovadoras não eram alheios. Ouviam-se, senão com deleite, com uma especie de maravilha. A rasão talvez se indignasse diante dos seus paradoxos arremessados á face das instituições e dos homens, mas a imaginação acompanhava-os muitas vezes n'esses ataques audaciosos aos reis e ao sacerdocio, ás tradições e ás riquezas moraes dos povos; e se parava era apenas para deplorar, que forças tão vivas e brilhantes se não consagrassem a um fim mais util á felicidade da condição humana.

Essa época passou. A *Encyclopedia* cerrou as suas paginas e o tempo sepultou-a no esquecimento. Mas se a época passou, e se a *Encyclopedia* tem apenas hoje um lugar de favor na livraria de algum bibliomaniaco, a impressão moral d'essas theorias reina ainda. E para desgraça não reina a parte mais nobre d'essas influencias, não reinam os principios que constituíam um corpo de doutrina, reina só o indifferentismo, o materialismo, reina o facto desacompanhado de toda a theoria, embora paradoxal, embora demolidora e sacrilega até que o proclamava então e que por isso o auctorisava de certo modo, pois sempre era uma causa explicando um effeito, e a acção buscando a protecção da intelligencia. Agora o philosopho voltaireano transfigurou-se no amigo exagerado dos commodos materiaes. Epicuro resumia o supremo bem nos prazeres da vida; mas, homem de genio e de imaginação, abrilhantava com os fulgores deslumbrantes e attractivos da fantasia os gôsos em que procurava embriagar os sentidos. Os festins dados a seus discipulos no famoso jardim de Athenas eram um modelo de gosto para toda a Grecia.

Mas o nosso philosopho differe de tudo isto. O nosso philosopho começa por não ter imaginação; e é exactamente a todas essas flores risonhas e embalsamadas com que a poesia matisa de attractivos muitos dos laços do mundo moral, que elle declara guerra, porque não sente, nem aspira o seu perfume enebriante. Essas flores para elle são de mais. O seu olphato não o ferem as emanações suaves e delicadas, cuja impressão é a prova evidente da harmonia perfeita dos sentidos com as sensações. O nosso philosopho é epicurista, porque não vê no mundo senão materia; e é sceptico, porque as affinidades sublimes que prendem o mundo positivo ao mundo ideal e o povoam de mil entidades que enriquecem e exaltam a existencia, só lhe merecem o sarcasmo que se desata em sorrisos impios no *Candido* de Voltaire.

Os assumptos religiosos são a verdadeira pedra de toque d'esta especie de individuos. Voltaire — e mais foi proclamado o Moysés da incredulidade — Voltaire disse, que se não houvesse Deus seria mister creal-o. Tal é a necessidade de completar fóra dos attributos do mundo physico a unidade moral em que o homem possa achar um destino definitivo e uma recompensa, que aquelle vasto espirito, rasgando as trévas da impiedade, não póde esquivar-se a confessar esta grande verdade, principio absoluto da harmonia universal! Mas o nosso philosopho de agora não é tão exigente. Tomára elle não ter de pensar nos contratempos que as necessidades da vida lhe põem diante dos olhos, quanto mais preoccupar-se com outros que o possam atormentar além d'este valle de lagrimas. É por isto que, em materia de religião, elle repelle com supremo desdem tudo que seja a expressão ideal e poetica com que o povo reveste e torna perceptivel os mysterios das solemnidades religiosas. Esplendores do culto externo, cerimoniaes do rito, indicações liturgicas, invocações legendarias, pias crenças populares, tudo emfim que as tradições da igreja, as crenças do christianismo e a imaginação devota tem aggregado á celebração dos mysterios da Divindade e de seus santos, tudo a censura rasa e brutal dos tempos que vão correndo deseja banir e condemnar.

Chateaubriand escreveu no *Genio do Christianismo*: «É mister collocar em primeiro lugar as *devoções populares* que consistem em certas crenças e certos ritos praticados pelo povo, sem serem ratificados, nem absolutamente proscriptos pela igreja. Estas devoções não são senão harmonias da religião com a natureza. Quando o povo julga ouvir a voz dos mortos no sussurro dos ventos, quando falla dos fantasmas da noite, quando vae de romagem para allivio das suas culpas, é evidente que estas crenças resumem relações sympathicas entre algumas scenas naturaes, entre alguns dogmas sagrados e a miseria de nossos corações. Segue-se d'isto que quanto mais um culto encerra d'estas *devoções populares*, mais poetico é, porque a poesia funda-se sobre os impulsos da alma e os accidentes da natureza, envolvidos nas sombras do mysterio pela intervenção das idéas religiosas.»

«É nos grandes acontecimentos da vida, prosegue o mesmo escriptor n'outra parte, que as uzanças religiosas offerecem aos desgraçados as suas consolações. Eu fui uma vez testemunha de um naufragio. Ao saltarem á praia, os marinheiros despiram jalecas, e ficaram só com as calças e camisas molhadas. Na maior força da tormenta haviam feito um voto a Nossa

Senhora. Depois pozeram-se a caminho em procissão para uma capellinha de invocação de San Thomaz. O capitão fa na frente, e o povo seguia a comitiva entoando com os naufragos o *Bem-dito*. Um padre celebrou a missa e os marinheiros dependuraram os seus fatos, em *ex-voto*, nas paredes da capella.»

Como é simples e insinuante toda esta descripção de uma devota creença, em que se revela a poesia dos homens do mar!

O christianismo possui uma certa poesia de alma, uma especie de imaginação que se aviva e fecunda com os impulsos do coração de que se não encontram traços em nenhuma outra religião. E são exactamente as bellezas affectuosas que emanam d'estas fontes, que lhe dão o caracter moral que tanto harmonisa com os sentimentos das classes que padecem, que são as mais pobres e populares. Despovoa a mente do povo d'estas suaves e santas ficções, d'estas poeticas e fervorosas lendas, que dão uma fórma consagrada e sympathica a muitos dos vãos da alma religiosa, impulsos em que o povo se reconhece, em que se sente palpitar e existir, tentae isso que será o mesmo que arrancar-lhe as creenças do intimo do peito, porque no povo apagar-lhe a imaginação é tanto como anullar-lhe a faculdade que mais lhe aviva e fortalece as suas convicções religiosas.

Diderot, que ninguem alcunhará de crendeiro ou fanatico, escrevia no seu *Ensaio sobre a Pintura* estas palavras, que tanto combinam com o que fica escripto:— Os absurdos rigoristas em religião, não conhecem o effeito das cerimoniaes publicas sobre o animo do povo. Nunca viram de certo a nossa adoração da cruz de Quinta feira Santa e o enthusiasmo da multidão na procissão de Corpus Cristi, enthusiasmo que me sonhorêa a mim proprio não poucas vezes. Nunca pude vêr aquellas longas fileiras de padres em vestes sacerdotaes, os mancebos acolytos vestidos de alvas sobrepellizes com os seus cintos azues, esparzindo flores diante do Santissimo; as turbas de povo que os precedem e seguem n'um silencio religioso; tantos homens com a fronte prostrada contra a terra; nunca pude ouvir aquelle canto grave e pathetico, entoado pelos padres e respondido pelas mil vozes do povo, de homens, de mulheres e crianças, sem que o coração se me apertasse de estranhas e vivas sensações, e as lagrimas me não rebentassem dos olhos! Ha n'aquelle apparato o que quer que é de mysterioso e melancolico! Conheço um padre protestante que estivera longo tempo em Roma, e que confessava, que jámais havia visto o soberano pontifice officiar na basilica de S. Pedro, rodeado dos cardeaes e de todas as pompas da prelatura romana, que se não tornasse catholico.

«Supprimi todos os symbolos sensiveis, continua Diderod, que o resto reduzir-se-ha bem depressa a uma confusão metaphysica, que tomará tantas fórmas extravagantes, quantas forem as cabeças que se metterem a explical-os.»

Ha n'estas palavras uma profunda verdade. O christianismo não póde prescindir dos seus symbolos, porque é n'estas representações externas que o instincto popular soletra e rastrea os segredos da religião. Sem estas fórmas sensiveis, sem estas practicas devotas, a que Chateaubriand chama com tanta poesia do coração *as harmonias da religião e da natureza*, o catholicismo seria uma doutrina puramente theologica, fóra da comprehensão universal. A fé cré sem exame; mas, se não vê com os olhos da rasão, vê com os olhos da imaginação, que, nas classes rudes, cumprem e penetram muitas vezes por uma força intuitiva mui adiante da reflexão. É por isto que o povo não conhece os mysterios da Redempção senão pelas solemnidades da Semana-santa, solemnidades que respiram a poesia grave e pathetica das tradições hebraicas. E da mesma sorte não conhece o Nascimento do Deus feito homem, senão pela festividade do Natal; assim como não comprehende a significação das sete semanas que Jesus consagrou á contemplação e á abstinencia, senão pela gravidade e recolhimento dos actos processionaes, pelas prédicas e orações que as celebram. É por isto que ignorando muitas vezes os votos piedosos, as obrigações tradicionaes, os intuitos christãos de varios jubileus e romarias, de varios cirios e commemorações, os solemnisa todavia e perpetua, pela sympathia que o attrahe para todos estes actos, que tanto se identificam com a sua indole, habito e tendencias. Sempre o symbolo representando o dogma, o emblema evidenciando a idéa, a fórma conhecida traduzindo a adoração instinctiva da Divindade.

E n'estas fórmas ha quasi sempre o character e o cunho nacional. E ha mais: ha até um vislumbre dramatico, porque esse vislumbre dramatico é a unção moral, são as affinidades da vida intima com as inspirações religiosas, é a expressão da individualidade pela qual uma nação se identifica n'este sublime e vasto consorcio dos seus instinctos com os principios da religião, com todos os vãos que a alma desprende, que as convicções interiores animam, que só a fé accende, e que a phantasia poetisa.

E é por esta rasão que vemos o christianismo rodeado de mil superstições originaes e pittorescas, de infinitas legendas, crenças, usanças e abusões até, que são como outras tantas flores com que o pensamento do povo adorna e evidencia o que não

perceberia senão debaixo d'estas fórmulas comprehensíveis. O que Victor Hugo escreve a respeito do grotesco trazido á arte moderna pela imaginação dos povos christãos, explica exactamente este pensamento, que é o mesmo, mas apenas desenvolvido pelo grande poeta n'uma direcção de idéas que se encaminham a conclusões exclusivamente litterarias. «No pensamento dos modernos, diz elle no seu celebrado prologo do *Cromwel*, o grotesco desempenha um immenso papel. Reina por toda a parte: de um lado cria o disforme e o horrivel; de outro, o comico e o truanesco. Junta em torno da religião mil *superstições originaes*, e em roda da poesia mil phantasias pittorescas. É este pensamento que esparge ás mãos cheias no ar, na agua, na terra e no fogo as meryadas de seres intermediarios que encontramos vivissimos nas tradições populares da idade-média. É este pensamento que faz voltear nas trevas a dança mysteriosa e horrenda do sabbado; que imagina cornos a Satanaz, que lhe dá pés de cabra e azas de morcego. E é igualmente este mesmo pensamento que, ora arremessa ao enfermo christão as medonhas figuras que o genio de Dante e de Milton invocára passados seculos; ora o povoa das fórmulas ridiculas, que despertaram o talento de Callot, o Miguel Angelo do burlesco.»

E assim é. São exactamente estas impressões, influindo a imaginação moderna, que teem creado, á sombra das idéas religiosas, uma poesia sua, que é simultaneamente a interpretação d'essas idéas religiosas e o seu culto. É no presepio que a tradição põe o Nascimento do Deus-Menino, rodeado das lendas dos pastores accordados pelo anjo, e dos reis magos guiados pela estrella que fulgia do oriente. A missa-do-gallo, os folares e consoadas, os descantes campestres e as festas da Epiphania, são egualmente outras tantas manifestações que completam e poetisam esta linda época festiva.

Nas outras celebrações da igreja e solemnidades do anno encontra-se o mesmo character. É sempre esta expressão do sentimento dramatico e a mesma feição popular. Nas scenas tremendas da Paixão, a par do apparatus terrivel do calvario, dos accentos lugubres de Jeremias, predizendo a ruina de Jerusalem, e de todos os transes solemnes com que a poesia das tradições commemora a agonia do homem-Justo, encontra-se os desabafos da indole folgazã do povo, que recorda com o estampido de matracas a queda do templo, e enforca Judas Iscariote para punir a traição dos trinta dinheiros. O lucto dos fieis, a escuridão dos templos, a mudez dos campanarios, as peripecias da Alleluia, as boas-festas e os jubilos que succedem á tristeza

que ennegrece toda esta semana, consagrada ao grande drama da Redempção, formam o complemento d'esta solemnidade tradicional. Depois das folias do carnaval vem tambem a procissão da cinza, abrindo a época da meditação e da abstinencia, annunciada pelo terrivel *Memento homo* do farricouco que aponta para o pó das vaidades humanas. Aqui é a contemplação christã que se segue aos folguedos gentílicos: é a religião espiritualista que triumpho das tendencias sensuaes e desvairadas do homem mundano.

Na festividade de *Corpus Christi* tambem a mesma physionomia: o estado de S. Jorge, as antigas bandeiras dos officios, as basilicas, as charamellas e atabales das eras primitivas, caracterisam, n'um quadro nacional, este triumpho processional do Cordeiro Immaculado.

Nos monumentos ainda a mesma indole: as cathedraes povoadas a imaginação christã de lendas e superstições; os cryptos enche-os de phantasmas; e os cemiterios de esconjuros, de feitiçoiras, e multidões de larvas.

Emfim, o christianismo é uma religião que encontra muitas affinidades no espirito popular; e é essa uma das rasões da sua universalidade. «Eu amo as tradições, porque ellas são filhas da religião, e mães da poesia,» dizia ha pouco um dos primeiros genios contemporaneos. É este o nosso pensamento; e é por isso que nos opporemos a que vão despojando entre nós a religião catholica de todas as formulas exteriores, de todas as pompas e feições populares, que a tornam simultaneamente um culto do espirito e do coração, porque o christianismo é ao mesmo tempo a identificação da nossa historia moral, com as sublimes inspirações que constituem os seus dogmas.

O povo não é theologo, é apenas crente; e para crer ha mister de encontrar os symbolos, emblemas e personificações que fallem á sua imaginação. Muitas d'estas fórmas exteriores não as perfilha de certo o rito; mas, como não attentam contra o pensamento christão, antes são a sua manifestação evidenciada no objecto conhecido e sympathico ás propensões e instinctos populares, deixem subsistir tudo isso, porque se o aniquilarem irão abalar conjuntamente as bases das crenças no coração do povo,

ANDRADE FERREIRA,

UMA PAGINA SOLTA.

Houve no primeiro quarto d'este seculo um principe que era um homem. Nascêra com duas corôas, e morreu com a do martyrio, mais gloriosa do que ambas!

Este homem foi o imperador duque de Bragança, que implantou a liberdade de dois povos irmãos em dois hemisferios diversos!

As paixões, que eram da terra, desceram com elle ao sepulchro, arrefeceram na cinza, depurou-as a lapide que serve de pedestal á sua memoria. Só ficou d'elle a fama dos grandes feitos e das heroicas acções. Na penumbra dos monumentes não se vê senão o vulto magestoso do rei soldado, que fez do sceptro uma espada para conquistar as isempções de vastos territorios, e, ceifados os louros expirou á sombra d'elles.

Duas datas gloriosas allumiam, como pharoes da historia, o nome de D. Pedro. Não é preciso mais para illustrar uma vida e torna-la memoravel diante da posteridade!

Em torno do imperador tem ido successivamente cahindo a geração que o acompanhou nas fadigas, nos lances, nos trabalhos e nas batalhas. A essa geração e ao seu chefe devemos o que somos hoje no concilio das nações livres. Mas a indiferença quasi tem apagado as lembranças, talvez para escusar a gratidão. Triste condição do tempo, ou do desamor humano!

No meio das luctas microscopicas, das transacções interesseiras

das choleras artificiaes, dos antagonismos pygmeus, das ciladas e ardís, das rivalidades e egoismos, das argucias e futilidades, brevemente esqueceremos aquelles homens que se cobriram de cans ao serviço de uma idéa, e a fizeram triumphar para nós á custa de grandes padecimentos, de grandes abnegações e de grandes sacrificios. Tão empenhados andâmos n'estas politicas de travessuras que nem sequer o respeito e o santo culto do passado nos faz voltar os olhos para esse tempo em que a fé se provava, como nos ultimos seculos de Roma, affrontando a morte nos seus aspectos mais terriveis—no exilio, no cadafalso, ou no campo! O sangue que ensopou a terra da patria, para servir de solido cimento á bandeira liberal, é ahi mais de uma vez escarnecido ou insultado á sombra d'ella, sem que o seu reflexo nos córe o rosto, de pejo ao menos, quando não seja de indignação!

Uns apoz outros se vão á sombra augusta, em que o Duque-imperador os precedeu, os restos mutilados da heroica phalange que o seguiu. Como que se retiram contristados a enfileirar-se em volta da grande sombra, para lhe fazerem a guarda d'honra da eternidade.

Quando nem um só houver, quem ha de contar as memorias d'essas eras, que deixâmos dispersar incuidosos, que abandonâmos á revelia dos odios, nós que desbaratamos a alma, a actividade e a intelligencia em folhas que não duram um dia, em leis que mal duram um mez? Quando, pela nossa vez, comparecemos diante de nossos paes, tornados nossos juizes, que contas lhe devemos dar da preciosa herança que nos legaram? Poderemos apresentar-nos na sua presença com a vergonha de nem sequer lhes termos colligido as tradições?

Não póde ser, não deve ser. Não seria d'este seculo, nem d'esta civilisação. É tempo ainda. Recolhamos todas as reliquias, e deixemos aos que vierem depois de nós a historia do periodo importante em que os fóros dos cidadãos foram fructo de uma epopéa fecunda em peripécias.

Herdâmos com a trabalhada successão grandes fadigas ainda é verdade; mas deixaram-nos o remanso necessario para o agradecimento. É um dever.

Silencio agora em nome d'esse dever. Vai fallar na lingua das musas um dos veteranos companheiros do libertador. No seio do imperio, onde habita, não se esquece este. Não lhe esfriou o entusiasmo com os annos e as lides. Descubramo-nos para ouvil-o. Quando os anciãos levantam a voz os moços inclinam-se, calam, e escutam. É um canto singelo e breve; mas vive ahi um sentimento profundo. É a commemoração de um dito, que foi a aurora de um

povo. É uma pagina solta, como inscrevemos á frente d'estas linhas; mas relata-a o proprio confidente do heroe, que soube intedel-o. Curvemo-nos e attendamos:

À MEMORIA DE S. M. I. O SENHOR D. PEDRO I.

No dia 9 de Janeiro de 1859.

SONETO.

«Diga ao povo que fico.»

(9 de Janeiro de 1859)

Disseste que ficavas, e ficaste
Firme n'um posto incerto, e perigoso;
E dos lustros apoz fim revoltoso
Deu o teu plano o povo, que salvaste.

Pelo broquel a purpura trocaste;
Raio da guerra, ardeste magestoso,
Crescendo-te o esplendor prestigioso,
Té que aos Céos, onde existes, te elevaste!

Votares-te ao Brazil tu bem quizeste,
A voz da ingratidão foi-te illosoria,
Deixaste a plaga, e de a deixar gemeste.

Findou-se a vida, e renovaste a gloria;
Teus restos são de Lysia, onde morreste,
E teu nome, SENHOR, pertence á Historia!

Quereis agora saber quem é o homem que em 1859, ao cabo de trinta e sete annos, tem assim presentes o grande nome e os grandes actos d'aquelle que tantos tem esquecido? É o Conselheiro JOÃO FERNANDES TAVARES, seu medico, seu companheiro e seu amigo, amigo seu e da liberdade. O throno constitucional deve-lhe em Portugal eminentes serviços e provada dedicação. Ha de certo entre nós quem o possa ainda certificar.

Transcrevendo e publicando este soneto, queremos acatar duplamente o poeta e o homem.

A terra de Santa Cruz é propicia ao éstro e enflora as palmas. A inspiração vive ainda vigorosa, como se vê, no varão illustre, fami-

liar com tantos sucessos e tão cheio de lição e de experiencia. A sciencia das coisas e dos homens não mirrou ali—raro privilegio!—o frescor imaginativo.

Do solo vicejante do Brazil está como brotando e rescendendo a poesia. Exhala-se espontaneamente das descripções dos viajantes, desde Hans-Staden até Langsdorf, desde Rodrigues Ferreira até Southey e Saint-Hilaire. Um reflexo d'essa poesia local seria uma quasi emanação da natureza.

Esta porém, que tem na concisão a difficuldade, esta que irrompe da contemplação do passado e nasce no regaço da severa musa da historia, esta merece tanto maior aceitação e estima quanto é ao mesmo tempo uma commemoração e uma auctoridade.

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

OUTRO CASAMENTO

O caso foi assim :

O sr. Macario Affonso fôra avisado por pessoa da vizinhança que sua sobrinha Ignez namorava o filho de um boticario da terra.

Ora o sr. Macario, com quanto, em começos de vida, tivesse exercido em Villa Real de Traz-os-Montes as improductivas funcções de botiquineiro, herdára depois grandes cabedaes de um tio, e, trespassadas quatro garrafas de aguardente de cana e licor de canella, e meia-duzia de chavenas sem pires e dois bules remendados com bico de lata e cintados de arame, conseguira casar com uma velha fidalga que tinha duas alimarias rompentes no brasão, e um passaro desconhecido no timbre.

D'esta fidalga é que era sobrinha D. Ignez, formosa e esbelta menina de desoito annos, nascida e educada em Lisboa, onde ficára orfã, e d'onde fôra enviada como pupila a sua tia D. Hermenigilda Picôa.

Macario Affonso tinha sido miliciano, sargento, creio eu, e adquirira renome de bravo, senão no fogo, póde affoitamente dizer-se bravo na agua, porque a sua façanha celebrada era ter atravessado o Douro a nado para ir levar ao general marquez d'Angeja um officio, quando a passagem na Regua estava guarnecida por guerrilhas do Silveira. Macario encarecia esta proeza

como Byron a sua identica do Hellesponto. A joven Clelia não se impavonára tanto por ter cortado a corrente do Tibre.

O façanhoso sargento não conhecia Byron nem Clelia. Era sincero e piramidalmente estúpido. Esta invejavel qualidade tornára-o digno de enxertar-se no tronco illustrissimo de sua mulher, em quanto ao espirito. A questão de sangue é outra coisa. Este, philtrando atravez das sacas de peças herdadas, expurgára-se dos globulos plebeos, mechanicos, e até judaicos, pelos modos, que os praguentos da terra, affrontados pela riqueza soberba do sr. Macario, vingavam-se dizendo que de Bragança descerá para Villa Real uma judia belfurinha, cujo bisneto elle era.

Como quer que fosse, Macario Affonso zelava o decoro de sua casa, andava em cata de marido para Ignez, presumptiva herdeira de seus tios.

Já D. Hermenegilda pozera a mira no morgado de Lobrigos, que tinha no braço quatro cabeças de turcos; Macario, porém, esmirilhando a prosapia do morgado, soubera que o quinto avô d'elle casára com a filha de um feitor de sua casa, e a terceira avó não lograra boa fama com o capellão da mesma.

Dizem que o sr. Macario Affonso, voltando d'estas averiguações, antes de communicar-as a Hermenegilda, parára defronte de quatro retratos roídos dos avós de sua mulher, que elle mandára restaurar (os retratos, digo, porque os feios cincoenta e sete annos de D. Hermenegilda não tinham restauração possível) e dissera: «Nobres bispos e generaes, ainda que o vosso sangue me não corre nas veias, sou vosso neto pelo sacramento que me liga á mui nobre senhora D. Hermenegilda Picósa Salema Bernardes! Não temais que vossa neta e minha sobrinha Ignez borre a vossa linguagem!» E, dizendo isto, tirou os oculos verdes para limpar com o canhão da casaca duas lagrimas bogalhudas que se lhe penduravam da palpebra inferior.

Era necessario relatar estes episodios para dispor o leitor a imaginar de prompto qual seria a indignação de Macario Affonso, sabendo que o filho de um boticario se atrevia a erguer olhos sponsalicios para sua sobrinha. Afim de poupar a consorte a um insulto apopletico, não lh'o disse: soffreu a paixão iracunda até poder expandil-a n'um rasgo de justiça em que D. Hermenegilda se dêsse por desaffrontada.

As revelações eram cada vez mais aterroradoras.

Dissera-lhe o sollicito visinho que, á uma hora da noite, vira sair um vulto do portão, e accrescentou que, seguindo o vulto, reconheçera o filho do boticario.

Macario abafou ainda o rugido; mas desabafou provisoriamente

por um lance digno do final de um acto, como eu ainda não vi. Conduziu pela mão Ignez defronte dos retratos, estendeu o braço na attitude estatuaria dos prophetas, alongou o indicador na direcção de um dos dois bispos da lona, e resmuneou com ventriloqua e tetrica intonação: «Tenha vergonha D. Ignez Picóa Salema Bernardes! Tenha vergonha!»

D. Ignez fitou os bellos olhos de lustroso azeviche em Macario Affonso, e disse:

«O tio está doido?!»

II

Soára uma hora no relógio de S. Pedro.

A lua passava no céu serena e meiga, por estiva noite. A viração baloiçava com saudoso soido as copas das alamos e mimosas que sombreiam o pittoresco passeio dos villa-realenses. Ao longo do peitoril d'esse passeio ia e vinha Macario Affonso, com os olhos cravados sempre no portão da casa de sua mulher. Envolvia-se n'um capote de camelão de quatro cabeções. Derrubada sobre os olhos, a aba do chapéo projectava-lhe sobre o queixo inferior sombras sinistras. Um palmo acima do hombro sahia-lhe o castão amarello de um páo de choupa, que poderia ter seis pollegadas de circumferencia. Das arcadas profundas do peito do sr. Macario regorgitava, a espaços, um suspiro apertado e catharoso que remedava o piar dos mochos, que pareciam carpil-o das ruinas do proximo convento de S. Francisco.

Ao bater uma hora, Macario deu um sacão terrivel: é que vira avisinhar-se um vulto de sua casa. Sahiu do passeio, coseu-se com a parede, escondido pelo arvoredó; e, quando o clarão da lua cheia o delatou ao vulto que parára indeciso defronte da porta de Ignez, Macario Affonso deixou cahir o capote, e correu sobre o outro que parecia esperar a pé firme o remettimento furioso.

Era o filho do boticario um moço de melindrosa compleição, já nascido n'esta época de cinturas finas e lunetas, martyr do verniz das botas, unguido de macassar e *séra-moustache*, inventor de uns pós com que o rosado das unhas se purpurea, e d'outros dentifricios com que o esmalte primitivo se conserva em todo o seu brilhante.

A primeira paulada apanhou-o de hombro a hombro; a segunda cahiu desamparada no chão, dez braças a traz do aligero pharmacopola. Era um fugir incrivel e unico na historia das retiradas felizes!

Macario Affonso recolhia, soberbo como Achilles á sua tenda,

e viu alguns objectos negrejando nas lages que o luar prateava: eram uma capa, o chapéo, e uma clavina-refe do destroçado amador de Ignez.

Apanhado o espolio, Macario Affonso subiu a escadaria, entrou pesado, hirto, e terrível, como a estatua do commendador, no quarto de Ignez. A attribulada menina presenciára a aggressão brutal, no momento em que puchava subtilmente o trincó do portão. Fugindo espavorida ao som cavo que o elastico marmeleiro tirára das costas do seu bem. Ignez perdéra a fricza de espirito que inspira os expedientes, e fôra sentar-se, archejante e lacrimosa, n'uma cadeira do seu quarto. Ao vêr, porém, Macario, o odio restaurou-lhe o animo, e o escarlata da raiva tingiu-lhe o rosto que o temor impallidecêra.

«Que tem que fazer no meu quarto?!—exclamou ella.

— Vergonha das Picóas Salemas! — rugiu Macario, deixando cahir a troixa do fugitivo» Não lhe dou direito de me insultar! — replicou ella com lagrimas de colera; — O sr. Macario Affonso não me é nada. Se devo ser reprehendida, só posso sel-o por minha tia; e n'este quarto só entram senhoras e a minha criada.»

— N'este quarto, sr.^a D. Ignez, morreu sua visavó D. Thomasia Picóá, e sua avó D. Thereza Salema Bernardes, as duas mais nobilissimas fidalgas de Traz-os-Montes, honra e ornamento da sua linhagem, que teriam morrido de vergonha e pasmo se soubessem que uma sua neta havia de... Suffoca-me a vergonha! Tremo que este tecto desabe sobre a sua criminosa cabeça, raça degenerada!... Um boticario!... Um filho do Manoel das Alminhas! Oh vergonha!

E Macario Affonso escondêra o rosto entre as mãos como Agamemnon no sacrificio de Iphigenia.

Entretanto, D. Hermenigilda, acordada pela grita das imprecações, saltára fóra do leito, invergára um josésinho de castorina cór de café com leite, e, com a lamparina em punho, entrára no quarto de Ignez.

Hermenigilda ignorava os precedentes d'este conflicto. A primeira idéa que lhe alvoroçou o cerebro estremunhado, não é idéa que se diga, por que o ciume humano nunca inventou calumnia tamanha, deixou cahir a lamparina, e estacou, palerma e parva, como a estatua do idiotismo.

Sr.^a D. Hermenigilda — disse Macario — eu fiz quanto pude por que a sr.^a não soubesse que sua sobrinha, esquecida da sua geração, dava palestra a um mecanico sevandija, a um homem da plebe, a um...

«Falle baixo, Macario — acudiu Hermenegilda convulsa de pavor—falle baixo que não ouçam os servos esse escandalo! Que ouvi eu, oh céos! Estarei sonhando!?

— Não sonha, não! — tornou Macario, erguendo do chão a clavicina e a capa — Está vingada, Hermenegilda. Seus avós devem ter abençoado a minha obra. O pelinirão está castigado!

«Que pelinirão!? — gaguejou a neta de D. Thomasia Picóa.

— O filho do Manoel das Alminha! — bradou solemne e soturno Macario Affonso, escorchando debaixo do pé colossal a capa e o chapéo da victima.

D. Hermenegilda expediu do peito um ai agudo, e cahiu nos braços de Macario.

III

Rompia a aurora d'esse dia esquerdo.

Ignez fóra acordada do seu dormir febril pela chocalhada dos machos de uma liteira que parára á porta.

Em seguida entrára no quarto d'ella a criada particular sua, dizendo-lhe que a tia a mandava vestir-se para fazer uma curta jornada. Vestiu-se Ignez, alquebrada e sem conforto para a resistencia.

Depois veiu a tia, e disse-lhe com agastamento e colera:

«A menina vae hospedar-se n'uma casa a duas leguas de distancia de Villa Real, em quanto se prepára a sua entrada n'um convento de Lisboa, para onde vou participar ao conselho de familia as vergonhas que a senhora veiu trazer ao seio de uma familia sem mancha.

— Pois eu manchei a minha familia?! — disse Ignez com humildade.

«Ainda o pergunta!? Deixar-se amar do filho de um... oh! horror!

— Diga, diga, minha tia...

«Não me chame sua tia!...

— Não chamarei, não — redarguiu Ignez n'um impeto de vehemente colera — Se lhe chamar minha tia, serei forçada a julgar meu tio um homem que não foi boticario, mas foi... botiquineiro.

«Já fóra de minha casa!» berrou Hermenegilda, levando-lhe os punhos ao rosto.

— Lembro-lhe que meus pais nunca me bateram... — disse com ironica submissão Ignez.

«Ameça-me?!

— Não a ameço, digo-lhe sómente que as suas mãos nunca



mais me hão de tocar no rosto, e que muito tenho a agradecer a Deus em consentir que eu só fosse insultada pelas palavras do botiquineiro.

Hermenegilda estava epileptica : fazia caretas medonhas, e convulsões de possessa. As criadas acudiram, e a prospera intervenção de uma pessoa estranha á familia evitou que a velha fidalga, ao recobrar-se dos paroxismos de colera, se atirasse á sobrinha com hydrophoba raiva.

Esta terceira pessoa era um padre, amigo da casa, que devia acompanhar Ignez ao seu destino.

A consternada orphã entrou na liteira com uma criada, que já o fôra de sua mãe. Ao lado da locomotiva, cavalgava o padre, cabisbaixo e triste, sorvendo pitadas umas apoz outras para espantar o somno, que, por vezes, o quizera precipitar do macho.

— Para onde vamos nós, sr. padre Custodio? — disse a criada pela janella da liteira.

«Vamos para onde Deus for servido lavar-nos. D'aqui a hora e meia já sabe para onde vamos.

— Mas estes sitios são tão tristes!... — replicou a criada. — Acho que nos levam para alguma montanha...

«Todos os logares são bons, quando a graça de Deus mora conosco — tornou o agresso intervallando o dito com o silvo da pitada — Quer v. m.º saber um remedio efficaz contra a curiosidade, sr.ª Anacleta? Reze as suas continhas, se as leva; e, se lhe esqueceram, eu empresto-lhe as minhas.

— Muito agradecida, sr. padre Custodio; se vamos para algum bosque solitario, não nos ha de faltar tempo de rezar.

«Pois ainda bem, e bom seria que na terra povoada tivessem rezado tambem, para não trazerem a cabeça no ar...

Isto era allusão clara e pungente a D. Ignez, que sahio do turpor, dizendo:

— Falla comigo, sr. padre Custodio?

«Se lhe serviu a carapuça, menina, a culpa não é minha.

— Então entende o senhor que eu andava com a cabeça no ar?...

«Podera andar com ella pelo chão...» accrescentou a criada «Pelo chão devia muita gente, que eu cá sei, trazer as mãos...

— V. m.º é mal-creada — redarguiu o padre.

«Parece que tambem lhe serviu agora a carapuça, sr. padre Custodio?» disse Ignez.

— Tenha juizo, menina. Lembre-se de quem é filha, e da vergonha que causou a toda a sua familia.

«Pois eu envergonhei a minha familia?»



— Envergonhou, sim, e ultrajou-a aos olhos de Deus e da sociedade!

«Porque?»

— Faça-se de novas! Não se vexar de ser a namorada do filho do Alminhas, que está ali atraz da porta a pizar as drogas no almofariz!

«Pois a mulher que ama um homem que trabalha ultraja a sua familia aos olhos de Deus! Ó sr. padre Custodio, essa doutrina, se é a do Evangelho, é muito repugnante com a do Evangelho que me ensinou minha mãe. «Amai-vos uns aos outros» dizia-me ella, que era o espirito da lei de Jesus Christo.

— Ai! a minha ama a ensinar o padre-nossò ao vigario..., e acho eu que elle bem precisa de ser ensinado!... — disse a criada galhofando.

Padre Custodio, quadrupedamente ignorante, ficou confundido, tartamudeando algumas phrases sandias, que um tropeção do macho interrompeu. O desastre propiciou-lhe, em quanto ao espirito, o rompimento da questão que o embaraçava, mas foi fatal para a porção essencialissima n'este homem que era a barriga. A queda do macho foi uma queda a capricho, porque não ha excepção ás leis do equilibrio que o padre não realisasse. Caíndo, como é natural, a cavalgadura adiante do cavalleiro, é coisa absurda, porém certa, que o padre ficasse entalado de modo que a cabeça, horrivel de ver-se, imergia por entre as espaduas do macho, uma das pernas ficou arqueada na sela em fórma de retranca, e a outra, manifestando talvez a dôr da companheira, sacudia-se livre no ar, com mais destreza que a perna de um funambulo.

Gemia padre Custodio, e Ignez compadecida, sabendo que a meia legua de distancia estava a aldeia para onde iam, apeou-se da liteira com a criada, e fez que o gemebundo clerigo, comprimindo as entranhas deslocadas se sentasse dentro.

IV

Poucos passos adiante, sahiu-lhes ao encontro um galhardo moço, vestido de caçador, ladeado de uma matilha de cães.

Perguntou-lhe o liteireiro se ainda era longe a aldeia de Villa-Chan. O caçador respondeu, e perguntou que casa procuravam n'essa aldeia. Padre Custodio disse que era a casa do dom abade de benedictinos fr. Antonio da Silveira.

«A essa casa pertenco eu» tornou o caçador. «Fr. Antonio é meu tio, e o sr. padre Custodio deve conhecer-me.

— Agora conheço perfeitamente, mas desculpe, que eu levo aqui o espinhaço quebrado de uma queda.

«Eu já estava maravilhado de ver esta senhora a pé...» disse respeitosamente o caçador «Visto que vão para minha casa, eu retrocedo, e farei quanto possa por tornar a v. ex.^a menos aborrecida a caminhada.

— Conhece essa menina, sr. Silveira?—disse o padre.

«Creio que é da casa das sr.^{as} Picóas. Tenho-a visto algumas vezes, e até penso que já troquei com v. ex.^a algumas palavras, quando, ha hoje cinco annos, v. ex.^a vinha de Lisboa para a provincia. Talvez se recorde no desembarque do Vesuvio no Porto...

Ignez recordou-se, e corou ligeiramente.

Este corar tem uma historia de seis linhas.

Duarte da Silveira, o sobrinho do dom abbade, ouvira dizer a bordo do Vesuvio que a peregrina passageira ia para Villa-Real, onde tinha parentes. Contemplára-a embevecido durante a fugitiva hora que precedeu o desembarque. Tambem ella o observára com furtiva curiosidade. Quando Ignez por um relance de olhos se despedia, Duarte saltou no mesmo bote, e, a occultas das pessoas, que acompanhavam, ponde dizer-lhe: «Sei que vae para uma terra muito triste.» — Não importa: — respondeu ella — de que me serviria uma terra alegre?!

Duarte da Silveira ia recordando este curto dialogo a D. Ignez em quanto o padre, applicadas as dôres, e emballado pelo movimento pendular da liteira, reatava o fio, cem vezes cortado, do somno.

D. Ignez, lisongeada pela memoria de Duarte, recebia affectuosamente o ar de melancholia que elle dava ás recordações d'aquelles rapidos instantes. O filho do pharmaceutico, se a visse n'esse momento, daria por malbaratadas as dôres que a essas horas estava soffrendo nas duas omoplatas, e costellas correspondentes. O proprio leitor a observa-a com os olhos da razão, julgal-a-ia capaz de immolar o filho do sr. Manoel das Alminhas, senão na hecalomba de seus illustres avós, ao menos áquellas saudosas palavras que o romanesco Silveira preferira com sentimental meiguice, cinco annos antes.

As mulheres, se não tivessem estas adoraveis exquisitices, pouco mais valeriam que os homens.

V

Chegaram a Villa-Chan.

Padre Custodio, em quanto D. Ignez era recebida pela mãe de Duarte, recolheu-se com o dom abbade, e fallou assim:

«Esta menina foi-me entregue para que eu a depositasse n'uma casa capaz em quanto se prepara em Lisboa a entrada n'um convento. Sua tia, a sr.^a Hermengilda Picóa, não a quer comsigo, porque se receia que ella faça um máo casamento com um pandilha de Villa Real. A casa de v. reverendissima é a mais digna que eu conheço d'este deposito, e por isso venho na certeza de que m'acceita por alguns dias, pedir-lhe que conserve esta menina até havermos de Lisboa as necessarias ordens.

O dom abbade reflectiu alguns segundos e disse:

«A que chama o padre Custodio *pandilha*?

—A que chamo eu...

«Sim: disse o senhor que esta menina queria casar com um *pandilha*...

—Sim... *pandilha* é uma coisa... como filho de boticario, ou coisa que o pareça...

«Ah! entendi... Esta menina queria casar com o filho de um boticario... Mas ha de haver vinte annos que, sendo eu rapaz, ia tomar umas orchatas e capilés ao botequim de um tal Macario, que se me não engano, é o actual marido da ex.^{ma} sr.^a D. Hermenegilda Picóa...

— Isso é verdade — redarguiu o clerigo, mas v. reverendissima ha de saber que o sr. Macario Affonso herdou para mais de duzentos mil cruzados, em boas peças de duas caras, e o filho do Manoel das Alminhas não tem onde caia morto.

«Agora comprehendi cabalmente a distincção: — disse com fino sorriso o dom abbade. — Pois meu caro senhor José Custodio, eu sinto bastante que o sr. escolhesse a minha casa para tão precioso quanto melindroso deposito. A neta de avós tão preclaros ha de achar-se apertada entre estas paredes nuas de razes, e debaixo d'estes tectos de castanho. De mais a mais, o meu bom amigo e sr. padre Custodio sabe que eu tenho um sobrinho rapaz, e seria uma fatalidade que esta menina, confundindo-o um momento com o filho do boticario, o fizesse entrar na classe dos *pandilhas*, segundo a classificação do sr. padre Custodio.

— Pois sim; mas eu vou certissimo de que o meu amigo dom abbade, honrado e christão como é, não ha de consentir que seu sobrinho desinquiete a moça...

«Decerto, decerto... — replicou com um frouxo de riso dom Antonio da Silveira hei de fazer quanto em mim caiba para que a sr.^a D. Ignez não seja inquietada. — Vá o meu amigo seguro de que em minha casa não se pratica uma acção que não possa desde logo ser sabida por todo o mundo.

Sahiu o padre Custodio satisfeito da sua missão, e D. Ignez duas

horas depois que entrára na casa rustica de Villa Chan, dizia que, depois que seu pae lhe faltára, nunca tivera duas horas tão felizes.

A irmã de Antonio da Silveira era uma santa senhora, cheia de riquezas naturaes do coração, toda bondade e indulgencia, lida apenas no seu *Relicario Angelico e Retiro Espiritual*, cuidando muito no amanho da sua casa, e ralhando suavemente com o filho, porque este não entendia nem queria entender nada da lavoira.

Suspirára toda a vida por uma filha, e dizia que, amando tanto Duarte, ainda sentia na alma ternura para satisfazer as ambições da mais extremosa filha.

Agora vendo Ignez tão linda e carinhosa dizia, beijando-a; «se Deus assim me tivesse dado uma... ou se meu filho pudesse um dia encontrar uma companheira como a mehinha, havíamos de repartil-a pelo amor de nós ambos.»

Palavras eram estas que callavam muito no coração de Ignez, e arrasavam de mal escondidas lagrimas os olhos de Duarte.

VI

O sol envolvera-se na purpura doirada da orla occidental.

As pastoras entravam na aldeia, com as cantilenas de saudosa melancholia, para encurralarem os rebanhos.

Lá muito ao longe vinha aquelle triste gemer do carro, que em nossa lingua, creada nas cidades, não tem expressão bastante significativa.

As vaccas, jungidas ao apeiro, mugiam saudosas dos filhos que as chamavam das córtes.

Era a hora do amor, da esperanza, da saudade. A hora em que os infelizes choram. A hora em que os máos se encontram e despedaçam. A hora em que o justo ergue as mãos fervorosas, e sauda MARIA pelas palavras do anjo da annunciação. A hora, emfim, mais querida dos poetas, poetas d'alma digo, dos bucolicos á força d'arte tem sido essa santa hora profanada com pieguices, com injoativas lamurias, e com máos versos.

Ignez e Duarte estavam sentados no degráo de pedra bruta que faz o pedestal de uma cruz no ponto mais alto da aldeia. A mãe de Duarte acabava de rezar as Ave-Marias, e ficára em mudo estasis, com as mãos cruzadas sobre o regaço, contemplando a estrella vesper. O dom abbade affagava entre os joelhos um corpulento cão de gado, que forcejava por lamber-lhe o rosto. Ao lado do venerando benedictino estava o breviario, que elle fechára pouco antes, acabada a reza de *Vesperas*.

Era profundo o silencio, quando Ignez, como fallando comsigo mesmo, murmurou :

«Sonhei uma vez a felicidade, e parece-me que era assim:»

E como se o arrependimento succedesse á phrase, Ignez n'um suspiro tremulo parecia querer mostrar que acordava repentinamente de um sonho.

O dom abbade olhou-a silencioso: declinou os olhos sobre sua cunhada, e disse:

«Ouvistes as palavras da tua amiga Anna?

— Ouvi... respondeu a mãe de Duarte sem tirar os olhos do céu — ouvi, e estava orando ao senhor que realisasse o sonho da minha Ignez...

«Da tua Ignez... — disse risonho o padre — como tu lhe chamas tua!

— E não sou?! — acudiu Ignez — Não quero outra mãe n'este mundo... Se ella morrer primeiro que eu, encontrarei duas no céu.

Duarte apertou com alvoroço a mão de Ignez, dizendo:

«Seremos então irmãos no céu?

Bemaventurado parentesco na presença do senhor — respondeu fr. Antonio.

E erguendo-se proseguiu:

«Vamos Duarte... Este ar da noite não faz bem á sr.^a D. Ignez. Hontem quando recolhemos pareceu-me que ella ía constipada.

— Mas a noite está tão linda... — redarguiu meigamente Ignez.

«Pois fiquemos mais um pouco — tornou fr. Antonio.

Sentava-se outra vez o padre, quando um criado o chamou, dizendo que viera uma carta de Villa Real.

Ignez estremeceu. Duarte encontrou os olhos perplexos d'ella, como perguntando-lhe o que o coração lhe dizia. «Será o segundo adeus para nunca mais? — disse Ignez, erguendo-se. Só elle a ouvira, e momentos depois, respondéra: «O que de nós se despedir primeiro, despede-se de um moribundo...»

VI

Era uma carta do padre Custodio, annunciando que, tres dias depois, viria buscar D. Ignez, para acompanhal-a a Lisboa, ao convento das commendadeiras.

O dom abbade leu a carta, e fechou-se no seu quarto. Duarte depois de reiteiradas supplicas, conseguiu entrar. O padre ainda tinha nos olhos residuos de lagrimas.

«Vem cá, Duarte; — disse elle com a voz abafada, tu amavas Ignez?

— Se amava?... pergunte-me se a amo, meu tio..

«Ignez sáe de nossa casa, passados tres dias.

— Veja que ouço sem empallidecer essa nova, meu tio.

«Que quer isso dizer?!

— Quer dizer que morro, quando Ignez sair d'entre nós. Meu tio conhece o meu character, e de certo me cré. Sou religioso, e a religião não me basta.

«Não sei nada do coração humano; mas penso que será uma paixão de phantasia a que lavra tão fundas raizes na alma, em menos de mez e meio. Não discuto. Chama Ignez, e tua mãe.

Entraram ambas, que se tinham abraçado na ancia da mesma suspeita.

Dom Antonio conservou-se silencioso alguns segundos.

«— Creio que adevinhamos, minha filha...

— Que adevinhastes? — interrogou o padre...

«Querem tirar-nos Ignez...

— Querem.

Ignez caiu de joelhos aos pés do dom abbade, exclamando:

«Tenha compaixão de todos!

Não se atterre, Ignez—disse dom Antonio erguendo-a, e approximando-a da sua cadeira, com o braço cingido á cintura—Quer ser a esposa de meu sobrinho? Responda sem pejo, ou deixe-me ouvir a resposta do seu coração... quer. E tu Anna, sabes que não bastam os carinhos de um marido para a felicidade de uma mulher? É preciso que sejas mãe, e não sogra.

D. Anna saltou ao collo de Ignez, e abraçaram-se a chorar.

«Vai tu, Duarte—continuou o padre—faz apparelhar o teu cavallo, que has de partir esta noite para Braga. Eu vou escrever.

Era uma alegria louca a de toda aquella gente. Todos asseveravam que o não tinham dito, mas soube-se logo em toda a casa que a fidalga casava com o sr. Duarte. D. Anna queria sentar Ignez no regaço, Ignez queria erguer D. Anna no collo. Eram duas creanças, a rirem e a chorarem, vertendo o coração inteiro n'uma só palavra, furtando-se uma á outra nos beijos o complemento da phrase. Oh! como era linda aquella noite, as estrellas d'aquelle céo, o cantar d'aquellas aves, o murmúrio d'aquella natureza toda que parecia rir com ellas!

VII

Quarenta e oito horas depois, Duarte estava de volta de Braga, portador de uma licença do arcebispo para que qualquer parochio

podesse receber ao sacramento do matrimonio os contrahentes Duarte da Silveira, e D. Ignez Picóa Salema Bernardes.

Vestiu-se Ignez singelamente: ía de branco, duas rosas de todo o anno entre as tranças, um cinto com fivela na cintura, um todo de anjo, toda graça infantil do céo, que parecia voar para lá, sem deixar n'este mundo uma só penna das suas azas.

Ajoelharam ambos. As palavras sacramentaes dissera-as o coração; primeiro muitas vezes, milhares de vezes já Deos as devia ter abençoado.

Não sei dizer como foi aquelle dia todo. Do muito que a alma póde conter só uma pequena porção se exprime.

Ao cabo de tres dias, parou a liteira defronte da casa do dom abbade.

Padre Custodio apeou-se. Ignez foi recebê-lo.

«Está preparada, menina? — disse elle, chilreando a pitada n'uma volata nazal.

— Para que?

«Para se recolher ás commendadeiras.

— Sabe-me dizer se ha lá commendadores?

«Que quer isso dizer?

— Que tenho de levar comigo meu marido.

«Seu marido!? isso é cassoada!

— Defina o facto como quizer. Se lhe apraz, diga a minha tia que é cassoada, mas diga-lhe primeiro que casei.

CONCLUSÃO

Padre Custodio teve a imprudencia de jantar, e beber á saude dos noivos.

D. Hermenigilda e Macario Affonso tiveram a fraqueza de fazer sua sobrinha herdeira, e de morrerem de amor pelos netos.

O filho do sr. Manoel das Alminhas... não querem saber? Casou-se com a filha do sr. Francisco Serieiro, e conta com grande orgulho ter levado uma formidavel lombada por causa da fidalga das Picóas. É onde póde chegar o orgulho de um tolo feliz!

Não pude averiguar mais nada a este respeito.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PALESTRA SCIENTIFICA

O aperfeiçoamento intellectual e material da sociedade está hoje incontestavelmente ligado com o progresso das sciencias que tem por objecto o estudo das coisas naturaes.

Da observação cuidadosa dos phenomenos do mundo physico nasce, por um lado, a justa admiração e o respeito pelas immutaveis leis de eterna sabedoria, e, pelo outro, a applicação racional das forças da natureza ao bem estar do homem. A religião e a sciencia.

Estes dois grandes resultados não se contrariam; harmonisam-se e reciprocamente se fortalecem. Tornar a vida commoda e agradável, utilizando os meios que a natureza nos offerece, engrandecer a intelligência pela comprehensão dos grandes acontecimentos do universo, é contentar e elevar o espirito, e na elevação e contentamento do espirito se nutrem os affectos benevolos para com os nossos companheiros n'este mundo, e a gratidão para com o sublime author da criação.

Penetrada d'estas verdades uma escola moderna, a cuja frente se collocou Arago um dos homens mais eminentes do presente seculo, tem empregado continuos exforços para divulgar por entre todas as classes os conhecimentos das coisas naturaes. A Inglaterra destingue-se n'este empenho, como em tudo o que tende a dilatar as conquistas da civilisação.

Diz-se geralmente que tão phylantropica tentativa tem por objecto popularisar a sciencia.

Mas póde e deve a sciencia tornar-se popular, vulgar e commum?

É possível, ou ao menos provavel, que o estudo das causas e dos effeitos naturaes se torne accessivel a todos os homens?

Será ainda vantajosa para o progresso da sciencia a participação do vulgo nos trabalhos scientificos?

Levantar e debater n'este momento questões, que tão intimamente se ligam com as de instrucção publica, não será inutil nem ocioso, por que a sua solução poderá influir sobre as reformas que se esperam entre nós n'este ramo, até hoje tão descuidado da publica administração.

São já bem patentes os receios de muitos sabios que na vulgarisação das sciencias descobrem inevitavel tendencia para o extremo positivismo; tendencia fatal que as desvia do caminho da verdade, á qual só chega seguro quem marcha despreoccupado e independente.

Arago, Dumas, Liebig, Babinet e Humbolt e outros sabios que tomaram a seu cargo divulgar e popularisar as conquistas do espirito humano, nunca tiveram, a meu ver, o intento de rebaixar as sciencias da alta posição a que as teem elevado os homens eminentes que as cultivaram e engrandeceram, e entre os quaes são elles mesmos, por certo, dos primeiros.

Vulgarisar e tornar populares os resultados uteis das sciencias, não é o mesmo que vulgarisar, tornar populares e triviaes as mesmas sciencias.

Explicar e tornar bem patentes as bellezas de um quadro ou de uma estatua, as proporções e harmonia das partes de um edificio, para que todas as comprehendam e apreciem, não é o mesmo do que revelar e ensinar a todos os processos, os preceitos, as combinações e os calculos difficeis que foram empregados pelas intelligencias superiores na producção d'aquellas maravilhas, e muito menos transmittir-lhe a inspiração e o genio creador com que o sopro de Deos bafeja unicamente os espiritos privilegiados.

Mas o estudo das sciencias, por mais elevado que seja tem sempre um fim util que as prende ao globo que habitamos; e atravez das mais sublimes abstracções apparece, mais ou menos distante, a applicação fatal aos usos da vida material ou intellectual.

Que os homens privilegiados pelas faculdades superiores do seu espirito olhem, atravez do firmamento, para os espaços infinitos em procura do Ente Supremo, que lhe não é dado ver senão pela reflexão no espelho da sua propria intelligencia, que tentem descobrir e medir o harmonioso movimento dos astros, que investiguem os

processos seguidos pela natureza na formação dos seres que povoam o globo, que estudem as leis que regem as transformações da materia, ou que examinem as intimas relações da sociedade humana, a historia do progresso e decadencia dos povos, a indole, o caracter ou as obras dos homens, o seu estudo tende sempre a tornar mais perfectas as condições da existencia social.

A intelligencia é um instrumento que foi confiado ao homem unica e expressamente para o seu proprio aperfeiçoamento.

O fim das sciencias é naturalmente utilitario; o seu ultimo resultado é a applicação dos descobrimentos humanos ao serviço da communitade. Todos os membros uteis da sociedade tomam parte, mais ou menos activa, n'esta obra de incessante progresso. E não resultará d'aqui necessariamente a vantagem e a conveniencia de patentear aos interessados as conquistas alcançadas pela sciencia em seu beneficio?

O regimen constitucional, o regimen de publicidade applicado aos interesses scientificos, é uma necessidade da presente época.

N'esta grande officina da sociedade humana todos teem a sua parte no trabalho, que reverte em beneficio commum; e para este trabalho, qualquer que elle seja, concorre sempre a intelligencia de cada um, porque o homem não se deve empregar como o vapor na machina, como a mola no relógio, nem como o vento nas velas de um navio. A luz que Deos acendeu no espirito do homem, por frouxa que seja, não lhe é inutil para dirigir a força dos musculos, para moderar ou activar a acção, ou para reconhecer quando obteve o resultado que procurava.

A sciencia, que é a experiencia racionada, traça e desbrava o caminho que conduz ás regiões do util, mas o vulgo deve conhecer esse caminho, familiarisar-se com as balisas que lhe marcam a direcção, saber avaliar as difficuldades e os principios para vencer umas e evitar as outras, como o navegante, que sem inventar a bussola, nem haver traçado as cartas maritimas, que lhe indicam as costas, e as correntes das aguas e da atmosphaera, precisa conhecer a nautica para com segurança precorrer os mares e demandar os portos.

A gerencia das coisas scientificas, o governo nas sciencias, pertencem incontestavelmente aos sabios; mas o publico, a communitade tem o indisputavel direito de conhecer e comprehender o que os sabios teem feito em seu beneficio.

Assim como na politica o governo absoluto, inquisitorial e de segredo se acha condemnado para sempre, tambem a sciencia mysteriosa, hermetica, occulta e impenetravel perdeu já todo o seu prestigio.



Annunciazione. Pict. a. Græce.

Silenceo. R. Stamp.



Os governos, subsidiando os cursos publicos, as sociedades scientificas, patenteando as salas das suas sessões, e publicando pela imprensa os seus trabalhos; o jornalismo dando diáriamente conta dos progressos e conquistas do espirito humano, todos prestam homenagem ao principio da publicidade.

Mas, repito ainda, vulgarisar os resultados obtidos pela sciencia, e vulgarisar a propria sciencia são coisas inteiramente differentes. A primeira deve e convém fazer-se, a segunda nem convém nem póde tentar-se.

Não póde, porque nem todas as intelligencias são aptas para o arduo, difficil, ainda que attractivo, labor da sciencia. Não convém, porque, se todos fossem chamados a investigar, descutir e crear, lançaríamos a anarchia no estudo, e veríamos reproduzidas no campo da sciencia as scenas lastimosas que observaram, quando sobre os depositos auriferos da California e da Australia se lançaram desenfreadas as turbas irreflectidas e insubordinadas dos ambiciosos da baixa esphera.

E comtudo estes symptomas de anarchia nos arraiaes da sciencia já se teem manifestado por vezes, em épocas menos ferteis de talentos elevados, quando mediocridades inquietas e pretenciosas, como acontece no governo dos estados, invadem as altas regiões, tomam assento das cadeiras curues, dictam a doutrina, e se julgam portentos, porque são arrogantes e não vêem superiores.

Isto acontece nas épocas de transição, em que o trabalho lento de modestos investigadores prepara laboriosamente os materiaes para a construcção de novos edificios cujo traçado e coordenação compete unicamente aos genios que de espaço a espaço a mão de Deos colloca entre os homens com os nomes de Archimedes, Kepler, Leibnitz e Newton, Lavoisser, e Laplace.

Na sociedade bem organizada todos teem seguramente igual direito aos beneficios da civilisação, porque a civilisação foi conquistada pelos esforços das gerações que successivamente teem recebido e transmittido a herança do primeiro homem intelligente, continúa e incessantemente acrescentada; mas nem todos teem igual aptidão para os diversos labores de que se compõe o trabalho social.

Esta mesma desigualdade é uma lei providencial, que tende a manter em justo equilibrio as forças productoras da intelligencia humana.

O genio concebe e inventa; o talento desenvolve e aperfeiçoa; a força executa; e o bom juizo dirige a execução.

A divisão do trabalho não é de invenção humana, é um decreto da providencia. Para ser poeta, orador, ou sabio não basta o desejo

e educação apropriada, é necessario alguma coisa mais que vem de mais alto.

Para que serve então o querer popularisar e vulgarisar a sciencia, se a sciencia não pôde ser cultivada com proveito senão por intelligencias privilegiadas?

Abri as portas do templo da sciencia, e que venham iniciar-se n'ella todos os que sentem em si o fogo sagrado que illumina a difficil vereda que conduz á aquisição das grandes verdades; sujeitem-se ás provas os corajosos e decididos, e d'entre elles escolhei para construir a falange dos sabios os que trouxerem por fiança idonea o talento de observação, a fina perspicacia, o discernimento critico, a força e aptidão para o trabalho, a independencia e firmeza na opinião e a consciencia do seu valor que dá a confiança para os grandes commettimentos.

A esses, e a esses unicamente, deve ser confiada a direcção das sciencias. Que não se desconsolam e humilhem os outros, que na sociedade ha lugar para todos, e todos podem ser igualmenteuteis.

Para que um homem seja util como sabio, é necessario que elle conheça e comprehenda a extensão, as difficuldades, e a seriedade da sciencia, que a cultive e a pratique modesta e conscienciosamente.

Que um homem, pretencioso e de intelligencia vulgar, imagine, na sua louca presumpção, que comprehende as theorias difficeis de uma sciencia, só porque lh'as expozeram em linguagem trivial, ve-lo-heis ter-se em conta de sabio de sciencia barata, ufanar-se, como a gralha, com as penas emprestadas, tornando-se pedante insupportavel, e os pedantes scientificos são terrivel flagello na sociedade.

A profissão do verdadeiro sabio é um sacerdocio.

A crença intima na santidade d'este ministerio, a lealdade, a integridade, a boa fé, a sinceridade e a singeleza são qualidades tão indispensaveis nos sacerdotes da sciencia, como nos ministros da religião.

E seria rasóavel empreza o chamar todos os homens á sciencia activa ou ao sagrado ministerio da religião? A tentativa, além de absurda, e por isso impotente, traria consigo gravissimos inconvenientes.

Se quizesseis fazer de todos os catholicos ministros da igreja, grande de seria o numero dos máos sacerdotes, e a religião catholica cedo se extinguiria. Tentai fazer sabios todos os homens, e vereis aniquillar-se a verdadeira sciencia.

Não é a profissão da sciencia que convém a todos os homens; não é a posse dos instrumentos pelos quaes se adquirem as verda-

des scientificas, é simplesmente o conhecimento positivo das coisas uteis e das verdades incontrovertidas, é o saber discriminar a verdade do erro, e applical-a aos usos da vida ou ao aperfeiçoamento das faculdades do espirito que utiliza ao maior numero.

Observar os phenomenos naturaes, descortinar o seu encadeamento e filiação, reconhecer as causas que os produzem, determinar a manifestação de outros, que sirvam a esclarecer os primeiros, enunciar as questões, resolvel-as pelo calculo e pela experiencia, traduzir as formulas em todas as consequencias uteis, estabelecer finalmente a doutrina e indicar a applicação, tal é o mister do sabio.

O sabio investiga, descobre, verifica e ensina.

O homem instruido comprehende, aprende, e faz a applicação.

Eis-aqui dois campos cujas raias se acham naturalmente traçadas. N'um habitam os homens da sciencia que têm uma linguagem particular, precisa, breve e methodica. No outro estão os homens da sociedade e o vulgo, que fallam a linguagem commum, na qual os primeiros lhes devem transmittir os resultados praticos dos seus estudos e descobrimentos.

É assim que eu entendo a vulgarisação dos conhecimentos adquiridos pelas sciencias de observação, ou pelas sciencias physicas, e reduzidas a estes termos é de immensa vantagem, tanto pelo lado utilitario, como em relação ao aperfeiçoamento intellectual e moral da sociedade.

A traducção das verdades scientificas em linguagem vulgar não rebaixa a sciencia, nem lhe afrouxa o rigor, quando esta traducção se limita á exposiçào e explicação dos resultados obtidos, e á demonstração da idoneidade dos methodos.

É debaixo d'este ponto de vista que me decidi a entrar, nos seguintes artigos, em amigavel conversação com o publico sobre os descobrimentos mais interessantes de uma sciencia que, no presente seculo, tem assumido, a par da mechanica, uma importancia immensa nos progressos da civilisação.

J. PIMENTEL.

ASCENDIT AURORA !

(A JOSÉ MARIA DO CASAL RIBEIRO)

La vit-on monter ou descendre ?
Où déposerons-nous sa cendre ?
Est-ce à la tombe ? est-ce à l'autel ?

I

Amigo! — Eu sei que pranto fundo e ardente
Te verte o coração no santuario
D'uma dôr e d'um tumulto recente!

Não levanto, profano e temerario,
O escuro véo que as sanctas cinzas cobre:
Só ajoelho a piedade ante o sudario.

Chora o rico saudoso, e grato o pobre,
Porque nunca inspirou a caridade
Em maior alma espirito mais nobre.

Em todos tens irmãos n'essa orphandade;
E para teu conforto, vê pendido
Na campa amada o archanjo da saudade.

Suspende-o, igual á Niobe, um sentido,
Como se o proprio alento ali perdesse,
Cortada a voz no intimo gemido.

Co'a fronte consternada, não parece
Lá dentro namorar um triste enlevo,
Que os olhos leva onde a vida esquece?

E ficará perenne, d'evo em eyo,
Acatando as virtudes e a memoria
Da que entre prantos a cantar me atrevo.

É que a vida é passagem transitoria,
E só ha perduravel attractivo
No sepulchro onde fulge a eterna gloria!

Olha ao alto, e contempla redivivo
O affecto que te falta e te desvella:
Se o corpo, que era terra, jaz captivo,
A alma é livre, e o céo tem mais uma estrella!

II

Alva estrella de bonança,
Nas tempestades da vida
Fita-a bem, e resurgida
Sentirás n'alma a esperanza.
Tu, que tanto a amaste, agora
O teu astro novo adora;
Adora em vez de chorar.
Olha-te ella, e está contigo,
E por teu impulso, amigo,
Vê-se em ti continuar.

Entregue todo á saudade
Da que aos braços te fugiu,
Mal crês ainda que se abriu
Entre os dois a eternidade!
Mais que filho, absôrto amante
Longas horas n'um instante
Vam-se em tal contemplação!
Qual te foi, e qual a viste,
Tal a revês, êrmo e triste,
No espelho do coração.

Rebenta-te elle nos ais
 Em que a dôr absorve o pranto...
 Alma só tens para tanto,
 Não tens olhos para mais!
 N'esses martyrios supremos
 Uma só idéa temos,
 E uma só palavra : Deus!
 A palavra, a idéa abraça :
 Ao gemido que traspaga
 Responde um ecco dos céos.
 Ouve; escuta-o; que te diz?
 Que és d'essa memoria o herdeiro,
 E que te deves inteiro
 Ao teu nome, e ao teu paiz!
 Volve pois á liça aberta;
 E esta mão, que a tua aperta,
 E como sincera irmã
 Se une ao crépe que te enlucta,
 Hoje acceita: Póde a lucta
 Separar-nos ámanhã.

Em 18 de Fevereiro de 1859.

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

I

JOÃO ROSS

O seculo XIX, seculo de *interesses materiaes*, exclusivamente empenhado em applicar a *fins utilitarios* as descobertas e aperfeiçoamentos, operados em todos os ramos da sciencia nos ultimos cincoenta annos, apenas tem concedido um olhar de desdenhosa compaixão a certo numero de martyres que, isolados da sociedade e dos commodos da civilisação, soffrem resignados as mais crueis privações, arcam diariamente com os perigos de uma morte horrivel, só guiados pelo generoso pensamento de alargarem a escala dos conhecimentos humanos, sem utilidade immediata nem para elles nem para os seus conterraneos. Fallamos dos insaciaveis navegadores das regiões polares, dos valentes successores de Corte Real e Queiroz.

Ou se trate das explorações nos mares do polo-antartico, ou das diligencias para descobrir a passagem noroeste por entre os gelos do arctico, o economista faz apenas duas perguntas frias e calculadas, que levam o desconforto ao espirito: [*Por qué? para qué?*]

E todavia, se era permittido contestar a utilidade das nave-

¹ Não seguimos a ordem chronologica n'esta collecção de esbocetos, nem pretendemos traçar as biographias de todos os navegadores celebres, mas tão sómente apresentar em relevo as principaes façanhas de alguns dos mais distinctos homens do mar.

gações austraes, pois que verificada a existencia de um continente antarctico, apenas ficava resolvida uma questão de geographia, sendo, como são, inhabeis para qualquer cultura aquellas estereis paragens; não succedia o mesmo com as expedições ao circulo polar-arctico, que tinham por fim abrir uma nova via ao commercio maritimo, navegando pelo norte em volta do continente americano, o que tornava muito mais curto o caminho da Europa para a China e Japão, para a contra-costa da America e ilhas do mar Pacifico, do que dobrando o cabo da Boa Esperança, ou o cabo de Horn. Infelizmente essa passagem procurada durante mais de tres seculos e meio, e encontrada emfim, no anno de 1853, pelo capitão Mac-Clure, está situada em tão alta latitude, que é de todo inutil para o commercio; antes porém de se alcançar a resolução do problema, não deviam cessar os trabalhos da navegação, embora clamassem contra os esforços da sciencia todos os utilitarios do mundo.

Hoje torna-se inutil qualquer nova exploração nos mares do polo-arctico; e se ainda a bandeira ingleza tremula entre os gelos do norte é por que a generosa Gram-Bretanha não desiste de procurar Franklin, emquanto não tiver a mais cabal certeza de que deixou de existir aquelle seu corajoso filho!

O navegador de que vamos occupar-nos, João Ross, tambem curtiu longos dias de amargura nos gelos polares por occasião da segunda viagem que comprehendeu á procura da desejada passagem noroeste; e a falta de noticias suas durante muito tempo, fez acreditar em Inglaterra que o audaz marinheiro havia perecido n'aquelle horrivel desterro; mais feliz, porém, do que Franklin, poudo tornar a ver o céu da patria, depois de quatro annos de exilio e de privações de todo o genero.

Sem se atemorisar com a lembrança dos seus predecessores, mortos nas regiões do eterno gelo, Ross saíu de Inglaterra para a sua primeira viagem polar em abril de 1818, commandando o navio *Isabel*, e levando ás suas ordens o *Alexandre*, capitaneado por Eduardo Parry, tão celebre depois em empresas semelhantes.

Ao cabo de longos dias de navegação, chegaram os dois navios á vista da Groenlandia, descoberta nove seculos antes pelos scandinavos; as suas tripulações communicaram frequentes vezes com os esquimaus, habitantes da ilha, que receberam amigavelmente os hospedes; e depois de alguma demora em differentes pontos da costa, ratificando os erros de longitude commettidos involuntariamente por Davis e Baffin, que não despunham dos mesmoa meios scientificos que Ross, passaram estes aventureiros além dos ultimos estabelecimentos dinamarquezes, e das

paragens mais septentrionaes até então frequentadas pelos balieiros; e descobriram, quasi na altura de 76 graus, alguns seres humanos que, de sobre o gelo, acenavam para os navios. Ross suppoz que fossem alguns pobres pescadores, arrojados para ali pela tormenta, mas logo que se approximou da terra viu, com pasmo, um ramo perdido da familia humana, que a geographia não suppunha existir em tão alta latitude!

Assustado com o movimento dos navios, que elles tomavam por gigantes animados, os indigenas d'este mundo desconhecido, fugiam velozmente nos seus trenós, puxados por grandes cães: mas afinal convencidos por dadas, voltaram a approximar-se das embarcações, porém sempre com terror, e perguntando-lhes: «Quem sois? D'onde vindes, do sol ou da lua?» Estes felizes esquimaus, separados do resto do mundo por altas montanhas, sempre cobertas de neve, e absolutamente ignorantes da arte da navegação, não conheciam as origens da sua tribo, e criam-se os unicos habitantes da terra! Ross deu a este logar o nome *Highlands arctiques* (Terras montanhosas do Arctico.)

Chegado o fim do mez de agoste, e começando o gelo a separar-se da terra, os esquimaus procuraram as suas cabanas do interior, e os navios velejaram para o sul, em busca do Estreito de Lancastre.

Com todo o panno largo, no meio das mais vivas demonstrações de alegria dos seus tripulantes, entraram os navios da expedição no desejado estreito, contandó ter descoberto a passagem noroeste... mas, coisa inexplicavel! o valente marinheiro, tão forte na adversidade, mostrou-se fraco quando a fortuna lhe sorria! Perdeu a coragem quando estava a ponto de se cobrir de eterna gloria!

Pretextando enxergar terra pela prôa, que mais ninguem via; e por que não encontrava correntes de agua no estreito nem ondas impellidas do noroeste, nem troncos fluctuando sobre as vagas, concluiu o chefe da expedição que não era aquella a passagem, e mandou virar de bordo, com geral espanto e indignação dos officiaes e marinheiros de ambos os navios.

Voltando a Inglaterra encontrou o descontentamento em todos os rostos pelo malogro da tentativa e prematuro regresso dos navios. Em quanto porém Franklin, Buchan, Richard, Parry, Beechey, e outros valentes navegadores, adiantavam o conhecimento das regiões arcticas, João Ross offerencia ao Almirantado um plano de descoberta, que elle proprio se propunha a executar, buscando a passagem noroeste pelo *Estreito do Principe Regente*; mas a sua offerta não foi acceita.

Porém um generoso inglez, M. Booth, promptificou-se a fazer todas as despesas da nova expedição, e Ross viu-se nas circumstancias de lavar nobremente a nodoa que manchava o seu credito de marinheiro valente e emprehendedor.

Comprou em Liverpool o barco a vapor *Victoria*; convidou para seu immediato no commando o joven official de marinha Jaime Clark Ross, seu sobrinho; tomou mantimentos para mil dias de viagem, e largou do Tamisa no dia 23 de maio de 1829.

D'esta vez não houve irresoluções. Da Groelandia partiu Ross direito ao canal de Lancastre, e d'este ao Estreito do Principe Regente, continuando sempre a navegar para oeste, até que a ultima gota de agua do mar desapareceu sob o gelo no dia 8 de outubro, e o *Victoria* ficou prisioneiro das neves polares por onze mezes!

«Era uma perspectiva verdadeiramente horrivel (diz Ross na sua relação de viagem) aquelle quadro de uniformidade, de silencio e de morte.»

Quem se viu perdido nos desvios de inhospicia serra, em noite de tempestade; quem lutou com as vagas do oceano embravecido, dentro de fraco baixel, em dia de borrasca; quem ouviu sibilar a metralha, varrendo columnas inteiras, em hora de renhido combate: enxergou de perto o fantasma hediondo de morte dolorosa; mas não pôde, ainda assim, avaliar o desconforto, a agonia do pobre viajante exilado nos gelos polares durante os longos mezes de rigoroso inverno!

Desde de novembro até agosto do seguinte anno o sol occultou-se de todo para a guarnição do *Victoria*, e apenas alguma aurora boreal illuminava com seus pallidos raios aquella triste solidão.

Em janeiro de 1830 appareceram perto do navio alguns esquimaus, muito trataveis, com quem a tripulação manteve as melhores relações de amizade; algumas mulheres acompanhavam aquelles selvagens, e posto que não fossem bonitas, agradaram em extremo aos inglezes, que não viam, ha muito, nenhuma creatura do sexo feminino.

No dia 17 de setembro viram-se livres do gelo, e o *Victoria* soltou as velas, entre os brados de inexprimivel alegria de todos os seus tripulantes.

Curta alegria foi aquella!...

Tinham apenas navegado tres milhas e o navio ficou de novo prisioneiro dos gelos., por outro anno!

Os viajantes começavam a contar os dias, as semanas, os mezes de segundo inverno polar. O desalento apossou-se de alguns,

mas o capitão Ross empregou todos os esforços para lhes reanimar a coragem.

Só em abril do seguinte anno (1831) tornaram estes homens a ver alguém estranho áquelle microcosmo do navio *Victoria*. Tres esquimaus que vieram visital-os, attrahidos pela lembrança dos presentes recebidos no anno precedente.

Porém o capitão Ross teve um indisivel praser no dia 1.º de junho do mesmo anno, descobrindo o *polo magnetico*, que já fora assumpto de infructuosas pesquisas de Parry e Franklin. O nosso observador achou-se collocado sobre o polo magnetico, na costa sudoeste da Boothia-Felix e explica assim a alegria d'esse instante:

«Que se figure o leitor qual seria o grau da nossa satisfação. Perigos, fadigas passadas ou em perspectiva, tudo esqueceu. Parecia-nos que só restava voltar á patria, para sermos felizes o resto dos nossos dias.»

Ross acabava de destruir a falsa idéa, embalada por tantos seculos, de que o polo magnetico era uma montanha de ferro ou de iman. Nenhum signal particular caracteriza este ponto, nem mesmo, provavelmente, já hoje ali existirá a bandeira britannica, que o capitão Ross arvorou sobre um monte de pedras, tomando posse do lugar em nome de Guilherme IV.

D'ahi a pouco terminou o segundo inverno; porém os gelos foram inexoraveis no pequeno verão (agosto e setembro) d'aquelle anno. O *Victoria* apenas mudou de posição algumas braças, e viu-se de novo encadeado; a sua guarnição resignou-se a passar terceiro inverno n'aquellas aterroradoras paragens!

Chegado, porém, o mez de abril de 1832, os viajantes resolveram abandonar o navio, como unico meio de salvação pessoal, e então começou para elles uma serie de fadigas de outro genero, arrastando por cima da neve os escaleres que os deviam conduzir a algum lugar de refugio, trenós com provisões, e outros objectos.

A despedida do navio teve lugar definitivamente no dia 28 de maio. Oicamos o velho capitão Ross descrever esse momento solemne:

«Bebemos, diz elle, o ultimo copo de *grog* para dizer adeus á nossa pobre embarcação. Era a primeira que eu tinha sido forçado a abandonar, depois de ter servido quarenta e dois annos, a bordo de trinta e seis navios differentes. Senti o que se sente ao despedir de um velho amigo...»

Só o homem do mar pôde avaliar devidamente aquella suprema agonia!

No dia 4.º de julho estabelecia-se a guarnição do abandonado Victoria na ponta de *Fury*, aonde havia um deposito de mantimentos em latas, deixado ali pelos naufragos de outro navio com o fito de socorrerem os que tivessem igual sorte n'aquellas estereis regiões.

Quarto inverno polar!... Ross e a sua gente construíram uma modesta habitação, para os resguardar das intemperies durante esse novo anno de degredo, depois de terem diligenciado, infructuosamente, ganhar a bahia de Baffin, nos raros dias que o mez de agosto deixou livres á navegação.

Finalmente em julho de 1833 abandonaram a ponta de *Fury*, e dirigiram-se para a bahia de *Batty*, luclando com todos os perigos e fadigas, em busca da salvação.

Já era tempo de que a Providencia olhasse por estes desgraçados!

Um canal livre de gelos se abre diante das suas pequenas embarcações: é a esperança que desponta no horisonte.

Este canal vae alargando para o norte: é a salvação que bruxulea mais longe.

A 25 de agosto, tendo passado o cabo nordeste da America, o cabo de York e a bahia do Almirantado, desembarcaram na costa, tanto para concertarem os barcões, como para descansarem.

Ás quatro horas da manhã seguinte accordou toda a expedição ao grito de felicidade, soltado pelo marinheiro de vigia: «Uma vela!... uma vela!»

«Escaleres ao mar! Solta as velas! Rema! rema!»

A distancia diminue entre o navio e as embarcações de Ross... porém o vento é variavel, e vae acalmando.

«Outro navio ao norte!»... Viu os escaleres; vem sobre elles... Não! muda de rumo; desaparece.

«Nunca tínhamos passado um momento tão cruel, diz Ross no seu relatorio: ver-se entre dois navios, e cuidar que provavelmente não se alcançaria nenhum d'elles, era um supplicio de novo genero!»

Esta campanha polar termina por uma scena muito dramatica.

Do navio salvador enxergaram os escaleres, e uma lancha largou de bordo immediatamente, e veio atracar á embarcação em que ia Ross.

«Perdeste sem duvida a vossa embarcação?» disse o official que vinha na lancha, apenas chegou á falla do escaler do capitão.

«Sim, respondeu Ross, e pedimos hospitalidade a vosso bordo. Como se chama o navio?»

«*Isabel*, replica o official; é a embarcação que outr'ora foi commandada pelo capitão Ross.

«Tendes diante de vós esse mesmo Ross, torna o capitão, e os homens que me acompanham formavam a equipagem do *Victoria*.

A estas palavras, o official não dissimula a sua incredulidade, e affirma que Ross está morto ha dois annos.

Felizmente, não era difficil para este provar a sua identidade. A tripulação da *Isabel* recebeu com acclamações entusiasticas o seu antigo commandante.

Aquelles homens, magros, cadavericos, com as barbas crescidas, sujos, rotos, transidos de fome, frio e fadigas, viam-se emfim entre os seus, e podiam nutrir bem fundadas esperanças de voltar á patria.

Que alegria!... Quem a teve nunca maior?

Costumados a dormir sobre o gelo, os regressados do polo não pôdiam costumár-se ás camas de bordo, que nem sempre peccam por excesso de brandura.

A 19 de outubro do mesmo anno, João Ross recebia em Londres as felicitações dos seus amigos e das sociedades scientificas; pouco depois uma gratificação de cinco mil libras sterlingas da parte do governo, e mais tarde o posto de contra-almirante.

Estava concluida a carreira de aventuras extraordinarias do velho marinheiro.

F. M. BORDALO.



CHRONICA

O acontecimento mais notavel do mez, foi o consorcio de s. alteza a serenissima senhora infanta D. Maria Anna com o principe Jorge de Saxonia. A vida esportou em Lisboa nos tres dias que duraram os festejos; todos elles atrahiram numerosa concorrencia. Na hora indicada para a cerimonia religiosa o largo das Necessidades estava apinhado de povo, que ia presenciar o que nós, como chronistas, vamos tentar descrever.

Quatro coches da casa real conduziram até ali o principe e a sua comitiva, formando a guarda de honra o regimento de lanceiros n.º 2.

S. alteza a senhora infanta D. Maria Anna, acompanhada de toda a familia real e seguida de um brilhante e luzido prestito, saio do paço pela porta principal e dirigiu-se para a capella, adornada para esse fim com a pompa e magnificencia devidas a tal solemnidade. Celebrou a cerimonia s. em.º o sr. cardeal patriarcha e logo que a troca dos anneis nupciaes se effectuou, numerosas girandolas de foguetes subiram aos ares, correspondendo ao signal todas as fortalezas e navios surtos no Tejo.

Finda a solemnidade regressaram ao palacio, e das janellas assistiram ss. mm. e altezas á passagem em continencia da tropa.

No segundo dia s. m. el-rei o sr. D. Pedro v, s. m. el-rei D. Fernando, s. alteza o principe Jorge e sua augusta esposa a senhora infanta D. Maria Anna e toda a mais real familia, honraram com as suas presenças o theatro lyrico. Cantou-se o *Macbeth*.

A sociedade elegante guarnecia os camarotes, e o matiz brilhante das suas ricas e variadas toilettes davam á sala um aspecto esplendido. Até a platéa perdeu a sua monotomia habitual, mesclada como se achava de muitas fardas e uniformes.

No terceiro e ultimo dia destinado aos festejos, houve parada.

A cavallaria e artilheria formaram no Terreiro do Paço, caçadores e infantaria em linha para a a rua do Ouro, voltando á praça de D. Pedro junto do theatro de D. Maria II, e indo terminar no principio da rua Augusta onde estava a guarda municipal.

S. m. el-rei D. Pedro v, s. m. el-rei D. Fernando, s. alteza o principe de Saxonia e s. alteza o sr. infante D. Luiz, percorreram toda a linha, seguidos de um numeroso estado maior, composto de generaes, officiaes superiores e outras patentes. Terminada a revista s. m. e todo o acompanhamento foi prostar-se debaixo da tribuna real armada nas janellas da secretaria do ministerio da fazenda, e d'ali vio desfillar em continencia toda a tropa, começando pelo regimento de cavellaria commandada pelo sr. infante D. João.

A noite ss. mm. e altezas dignaram-se receber no paço as felicitações dos altos dignatarios do estado, e do corpo diplomatico e de toda a nobreza.

Mas em todas estas coroas festivas tecidas á augusta noiva havia uma flor que desabrochou mais viçosa ao desvanecer das outras. era a saudade. Cresceu e vigorou no dia 14, quando as corvetas *Bartholomeu Dias* e *Sagres*, levantaram ferro conduzindo a seu bordo a senhora infanta D. Maria Anna.

Que havemos, pois, acrescentar? Nada. A flor diz tudo.

Prosigmos agora na carreira aventureira da chronica, entrando nos theatros, No Gymnasio a companhia hespanhola, deu-nos ultimamente uma linda zarzuella, que tem chamado numerosa concorrência e grangeado bastantes applausos. Intitula-se *El diablo en el poder*. Na musica ha por vezes originalidade, sendo o trecho mais digno de menção, o côro dos fidalgos no segundo acto. Está escripto com gosto e combinado com arte, traduzindo admiravelmente a situação.

Encerra tambem bellezas a aria do barytono no primeiro acto, e é cantada pelo sr. Crescuj com expressão e sentimento. O duetto que se lhe segue de barytono e tenor produz bello effeito pelo relevo que apresenta.

Citando afinal o duetto de soprano e barytono no segundo acto, temos, a nosso vêr, registrado as melhores peças lyricas da zarzuella *El diablo en el poder*.

O libretto é de Camprodon, e faz honra ao auctor. A acção é delicadamente conduzida, e o dialogo está matizado de finos epigrammas.

Na execução Crescuj satisfiz quasi sempre ás exigências do papel, mostrando comprehendel-o. A signora Barrejon revelou-se actriz de comedia, dando ess pirituosa intenção aos bellos ditos em que abunda a sua parte. Tambem no-gradou devéras o sr. Pastor, tenor comico, pela naturalidade da sua declamação, que é tão chistosa, como desaffectedada. Da signora Allú, diremos que não prejudicou o desempenho. Quanto aos mais são mediocridades que pas-sam desapppercebidas, tão desapppercebidas como a voz do baixo.

No theatro normal teve logar o beneficio da actriz Gertrudes, com a primeira representação do drama original em tres actos *A expiação*, e da comedia em tres actos o *Legado do General*.

A *Expição*, é uma lisongeira estrêa, que promete ao sr. Barros, seu auctor, um auspicioso futuro, continuando a cultivar com esmero a carreira que tão favoravelmente encetou.

Seguindo as tendencias da época e o exemplo da escôla moderna o sr. Barros traçou o plano do seu drama n'um quadro da actualidade. Desejando ser verdadeiro no desenho dos personagens, copiou os que mais familiares lhe haviam sido na sua mocidade, vivendo como tinha vivido ao lado delles. A acção começa portanto no quarto escolastico de tres estudantes de Coimbra. Um d'elles é extravagante, e as consequencias das suas extravagancias, levam-n'o a praticar n'uma situação desesperada, um d'estes actos que des-honram para sempre um homem. Falsifica uma firma. É na expiação d'este erro que se basêa o drama.

Embora seja vulgar o enredo geral da obra, revela todavia vocação e engenho dramatico. Algumas situações estão habilmente preparadas, e as scenas em que se desenvolvem escriptas com delicadeza e sentimento. Na *Expição*, ha defeitos, mas notam-se tambem apreciaveis qualidades. Foi esta a impressão que nos causou a sua representação, e que repetimos agora franca e singelamente, como chronistas, nada mais.

No desempenho da *Expição*, sobresaíu brilhantemente a sr.^a Manuela Rey. Teve bellos momentos de inspiração dramatica! As lagrimas que lhe cortavam a voz, senti-as no coração. Era tão verdadeira a commoção da actriz, como foram espontaneos os bravos entusiasmados do publico. Todos os mais artistas esmeraram-se na execução dos seus papeis.

O *Legado do General*, é uma comedia vasada no molde hespanhol, e matizada de graciosas situações. Não apresenta novidade no enredo, mas a arte com que estão conduzidas as scenas e dispostas as situações, preade a curiosidade do espectador, e avivá-lhe o interesse.

A interpretação da comedia tambem concorreu para o feliz exito que obtive.

Agora duas palavras sobre o divertimento mais popular que, ainda hoje, existe entre nós e cujo prestigio n'estas ultimas semanas tem augmentado. Fallamos das corridas de toiros. É forçoso confessar que nenhum outro espectáculo desperta em Lisboa igual alvoroço. Aquellas girandolas de foguetes produzem um effeito inexplicavel, insensivelmente attrahem para ali os menos amadores.

A chegada dos tres irmãos Carmonas attrahiu granda concorrência á praça do Campo de Santa Anna, na primeira tarde que foram bandarilhar. Todos os camarotes estavam guarnecidos de senhoras, e as trincheiras tanto da sombra como do sol apinhadas de espectadores. Quando terminou a corrida Antonio Carmona, por antonomazia *el gordito*, tinha mais partido na turba do que todas as nossas facções politicas juntas. E o entusiasmo tem crescido sempre, para gloria do capinha e proveito do empresario.

Antonio Carmona, como bandarilheiro, pôde ter rivaes que o igualemente, mas não que o excedam. É tão dextro como ligeiro, tão elegante como sympathico. Faz *sortes* admiraveis, mettendo as farpas com rara delicadeza e extrema graça. Perseguido pelos touros, zomba d'elles, excitando-os em vez de lhes fugir. É finalmente uma notabilidade no seu genero, e os applausos clamorosos e freneticos com que o publico sempre o festeja, registram-lhe o diploma.

Espera-se brevemente o principe de Galles, e ouvimos dizer, que os subditos inglezes, residentes em Lisboa, preparam-lhe uma sumptuosa recepção.

Antes de fecharmos a chronica demorar-nos-hemos um instante diante da gravura do sr. Annuniação, cópia de um quadro pertencente á esplendida e rica galeria d'el-rei o sr. D. Fernando. É o que seria da arte entre nós, se não fora a desvellada protecção do rei-artista? Deve-lhe a florescência a que chegou, e que promete ainda desenvolver, á sombra unica de tão honroso patrocínio. N'aquella mesma galeria se observa o que deixamos dito, comparando os primeiros quadros dos pintores nacionaes com os ultimos. É esta prova que ha de ficar do quanto animou a arte.

O sr. Annuniação n'este quadro, que é *pendant* d'outro, quiz ensaiar um novo genero, pintando aves, e o pincel obedeceu-lhe com igual elegancia e naturalidade. Que vigor de clorido no matiz d'aquellas pennas! Que verdade nos mais leves toques!

Emfim, o que val o quadro pôde ajuizar-se pela gravura, isto é, quem conhecer a belleza das tintas que realçam a palheta do sr. Annuniação.

ERNESTO BIESTER.